

IV Reunião Equatorial de Antropologia e XIII Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste

Grupo de Trabalho: Migrações, Fronteiras e Projetos de Desenvolvimento

Elementos etnográficos sobre imigração na Amazônia brasileira: linguagem e inserção social de haitianos em Porto Velho

Marília Lima Pimentel – [mpimentel9@gmail.com](mailto:mpimentel9@gmail.com) –  
Universidade Federal de Rondônia – UNIR  
Geraldo Castro Cotinguiba – [gcotinguiba@gmail.com](mailto:gcotinguiba@gmail.com) –  
Universidade Federal de Rondônia – UNIR

04 a 07 de agosto de 2013, Fortaleza-CE

## **Elementos etnográficos sobre imigração na Amazônia brasileira: linguagem e inserção social de haitianos em Porto Velho**

### **Apresentação**

O presente artigo é fruto de um duplo trabalho, uma pesquisa etnográfica e um projeto de extensão com um grupo de imigrantes haitianos residente em Porto Velho, cidade capital do estado de Rondônia. Nosso objetivo é uma reflexão sobre esse fluxo migratório e sua inserção social numa parte da Amazônia ocidental brasileira, a partir de três abordagens, o trabalho, o aprendizado da língua portuguesa e o lazer. Para isso, relataremos parte de nosso trabalho etnográfico com parte do grupo residente na cidade por meio de um projeto de extensão universitária que os envolve e acompanhamento em momentos diferenciados do lazer ou visitas para obtenção e troca de informações.

No dia 11 de janeiro de 2012 viajamos de Porto Velho a Brasileia, município do Acre situado na divisa com a cidade de *Cobija*, na Bolívia. Partimos antes do amanhecer, às 05 horas, seguimos pela BR-364 e chegamos ao local de destino por volta das 15 horas, após percorrermos um percurso de pouco mais de 750 km. A espera de cerca de uma hora pela balsa para atravessarmos o encontro dos rios Madeira e Abunã e a parada para almoço na cidade de Rio Branco justificam parte do tempo percorrido para o traslado do percurso. Permanecemos na cidade até o dia 13, quando retornamos, com passagem em Rio Branco para uma reunião com os representantes da Secretaria Estadual de Justiça e Direitos Humanos. Nessa viagem estiveram conosco dois representantes do governo de Rondônia, motivados pela notícia da presença de mais de mil haitianos em Brasileia que inevitavelmente passariam pela capital rondoniense para onde muitos desejavam seguir ou apenas passariam, por ser o único caminho terrestre para o centro-sul do país.

Ao contrário do que se pensa ou, principalmente, do que foi veiculado pela imprensa brasileira, por meio de reportagens das mais diversas formas, a imigração haitiana para o Brasil não é uma consequência única do terremoto

ocorrido no Haiti em 10 de janeiro de 2010. Isso pode ser comprovado, pelo fato de muitos haitianos já há alguns anos viverem fora do seu país, como na República Dominicana, por exemplo. É possível encontrarmos relações entre esse acontecimento e a vinda de muitos desses imigrantes, entretanto, muitos outros aspectos estão por trás disso e não têm recebido a devida importância, salvo exceções, como já apontou Sidney Antonio da Silva (2012) ao mencionar outros aspectos, como o fato do Brasil figurar como um “novo Eldorado”, devido à ascensão econômica brasileira no cenário internacional. Em outro trabalho já havíamos percebido isso (Cotinguiba & Pimentel, 2012), fato que influenciou a nossa decisão de ao longo de dez páginas não citarmos a palavra terremoto. A explicação ou explicações para a entrada de haitianos no Brasil é fruto de um processo mais amplo que envolve questões múltiplas e não apenas de cunho catastrófico.

A entrada dos haitianos no Brasil, por conseguinte, não se deu de maneira aleatória, está relacionada com uma gama ampla de acontecimentos históricos provocados por diversos fatores repulsivos como a falta de empregos, a frágil situação econômica e a política interna que vivencia o povo haitiano, a busca por melhores condições de vida e a presença das Forças Armadas brasileiras no Haiti, além dos aspectos já citados anteriormente. Um fato merece atenção nesse contexto: logo após o terremoto, o então presidente brasileiro, Lula, foi ao Haiti e, em um discurso aberto afirmou, em tom de convite, que os haitianos poderiam ir para o Brasil que seriam recebidos de braços abertos<sup>1</sup>. Fato é que o Brasil se tornou um lugar de destino a ser alcançado e isso tem sido feito com intensidade desde o início de 2011 por meio de uma rota que envolve a passagem por vários países.

Partindo de ônibus do Haiti até a República Dominicana<sup>2</sup>, de avião até o Equador, com escala no Panamá, os haitianos passam pelo Peru e Bolívia. Alguns passam pelo Equador, onde permanecem alguns dias ou meses, trabalham, recebem uma remuneração e seguem adiante. O motivo de não ficarem em Quito, capital equatoriana, conforme muitos nos relataram, é o frio

---

<sup>1</sup> Pouco sabemos sobre como foi a fala de Lula. Sobre isso cita Sidney Antonio da Silva (2012) confirmando essa informação e, também, foi-nos confirmada por alguns haitianos que disseram ter havido a viciação da notícia pelo Haiti.

<sup>2</sup> Fala-se em cerca de um milhão de haitianos vivendo na R.D. (Silva, 2012), marcados por clima de tensão étnica e pelo racismo (Rosa, 2010).

muito rígido em relação ao clima do Haiti. De ônibus saem e vão até Lima no Peru, se têm dinheiro suficiente continuam a viagem, caso contrário ficam trabalhando por diárias até conseguirem o dinheiro necessário para o custo da viagem até a cidade de *Iñapari*, divisa com o Brasil, num percurso de até oito dias de viagem pelas serras peruanas.

Dos que chegaram a Porto Velho, temos informações que permaneceram até dois meses retidos na cidade de Brasileia para obterem o CPF, o protocolo de pedido de refúgio e a liberação da Polícia Federal, a fim de poderem viajar até Rio Branco e tirarem a Carteira de Trabalho e, de lá, prosseguirem para a capital de Rondônia, encaminhados por agentes do governo acriano, com passagens até Porto Velho.

O primeiro grupo de haitianos que buscou o município de Porto Velho foi por indicações obtidas no Acre, motivadas pela possibilidade de trabalho nos canteiros de obra das hidrelétricas Jirau e Santo Antônio, ambas no Rio Madeira. De acordo com o então Secretário de Estado de Justiça e Direitos Humanos do Acre, Henrique Corinto<sup>3</sup>, naquele contexto um grupo de haitianos foi enviado para o estado de Rondônia por meio de um acordo com uma “empresa terceirizada” para trabalhar nas referidas obras das usinas. Essa informação é desmentida por haitianos que fizeram parte desse grupo, pois alegam que foram orientados para desembarcarem no distrito de Nova Mutum, a cerca de 110 km de Porto Velho, onde uma pessoa os aguardava. Além disso, o representante do governo deu ao líder do grupo um número de telefone, porém ao chegarem e realizaram a ligação havia uma informação que o número não existia. A partir daí a notícia chegou à cidade e houve a mobilização da Polícia Federal e do Corpo de Bombeiros para averiguarem a situação e conduzi-los até um abrigo na região central da cidade. A esse grupo de 21 imigrantes, na mesma semana, outros se juntaram e no dia 05 de março de 2011, já havia um total de 105. Se aos haitianos foi negado entrar para a história “oficial” e a condição de “civilizados”, ou seja, relegados à condição de “barbárie” (Scaramal, 2006), em Porto Velho a mídia local inverteu essa

---

<sup>3</sup> De acordo com a entrevista do então Secretário a um jornal local de televisão, em 16/02/2011. Pouco depois Corinto foi substituído por Nilson Mourão, no momento da confecção desse artigo é o atual Secretário. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Cd58ntGfEXs>>. Acesso em 12 jul. 2013.

situação, tornando-os o acontecimento por excelência, elevando-os à categoria de “altamente qualificados e falantes de vários idiomas”.

De março de 2011 até junho de 2012, estima-se que mais de cinco mil haitianos tenham chegado a Porto Velho e desses, cerca de mil e quinhentos fixaram residência, enquanto os demais seguiram viagem para outras cidades do país, como Cuiabá, Campo Grande, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Pato Branco, no Paraná, Goiânia, Criciúma e Navegantes, em Santa Catarina, Porto Alegre, dentre outras. Além dessas cidades, muitos haitianos vivem em Manaus, devido à entrada pela cidade de Tabatinga. Consideramos que o motivo da entrada no Brasil pela região norte tem relação direta com questões de cunho de praticidade num processo de imigração, a região é uma área com menor controle de fiscalização por parte do Estado brasileiro quanto à entrada de pessoas nos dois pontos acima mencionados, diferentemente de pontos como portos ou aeroportos, já que nesses dois últimos o imigrante dificilmente não teria que se apresentar ao controle alfandegário e de fiscalização, o que os impediria, uma vez que não tinham visto de entrada, ou seja, encontravam-se indocumentados.

### **Notas etnográficas e o processo de inserção social dos haitianos em Porto Velho**

Escrever sobre a experiência etnográfica é, a um só tempo, fazer um exercício triplo, ou seja, falar sobre o campo e isso implica falar de si mesmo e das pessoas com as quais a pesquisa se desenvolve, falar sobre a experiência de outros pesquisadores para dar o tom de veracidade aos fatos e, também, relacionar isso com algumas teorias e, neste caso, o objetivo é demonstrar a cientificidade dos fatos e o conhecimento teórico.

A pesquisa etnográfica que aqui abordamos começou propriamente quando fizemos o primeiro contato com um grupo de haitianos na cidade de Porto Velho no final de julho de 2011, em uma paróquia católica. Entretanto, podemos considerar que a preparação para isso se deu algum tempo antes, com a chegada do primeiro grupo à cidade. Desde então passamos a acompanhar os noticiários locais, tanto na TV quanto na internet, ou muitas vezes por meio de observações à distância dos lugares onde membros do

grupo se instalavam. Outras vezes, íamos a bares para um *happy hour* para sermos atendidos por um garçom haitiano e assim tentávamos conversar com ele ou com colegas e mesmo com os proprietários do local. Estávamos, podemos dizer, preparando o terreno para nele nos inserir. A partir desse momento nos guiamos pela lógica do olhar e ouvir para escrever, conforme nos ensina Roberto Cardoso de Oliveira (1998), visto que a partir das observações e do que ouvimos a escrita pode ser construída.

O trabalho de campo é um ritual pelo qual todo antropólogo deve passar, assim como quem deseje realizar uma pesquisa junto a um grupo e queira conhecê-lo melhor. Isso lembra outra recomendação, a de Roberto Da Matta (1981) sobre a ida ao campo como um rito de passagem, e assim o foi e continua para nós, com a preparação, a ida e o retorno. A preparação faz parte da nossa formação e do conhecimento prévio sobre o grupo que se pretende entrar em contato, a ida é a separação ou o distanciamento do grupo ao qual pertencemos e o retorno é quando voltamos do campo com as informações e as transformamos em conhecimento científico, antropológico. Dessa forma, pretendemos relatar parte desse processo de maneira que contemple as três etapas desse ritual de passagem na vida do pesquisador de campo que é a etnografia. Ressaltamos, no entanto, que o trabalho está em andamento, por isso, não se trata aqui de fazer afirmações cabais, mas de refletir sobre parte da experiência etnográfica já vivenciada até o momento.

Nosso contato com os haitianos aconteceu nas dependências de uma paróquia, o que nos lembra a recomendação de William Foote Whyte (2005), quando em seu relato etnográfico relata o conselho de um colega que lhe disse que um dos melhores caminhos para se iniciar a aproximação com um grupo social ou é pelo serviço de assistência social ou pela igreja. Na nossa experiência, a igreja foi o caminho pelo qual entramos e a partir dele muitas bifurcações se apresentaram. A partir de então, nossa imersão no campo foi profunda e apenas agora, no fechamento do segundo ano da pesquisa, é que podemos dizer que voltamos à tona para respirar, ou seja, para uma reflexão sobre nosso envolvimento, sistematizar nossas anotações e relatar alguns dados.

Poderíamos resumir que o processo de inserção social dos haitianos em Porto Velho se dá por alguns aspectos, tais como o trabalho, o lazer, o

consumo, o aprendizado da língua portuguesa, o estabelecimento de uma rede de relações sociais organizada a partir da perspectiva das relações de parentesco, dentre outros. Contudo, isso não seria suficiente e faltaria a argumentação e, fatalmente, cairíamos nas malhas senso comum ou, no máximo, conseguiríamos realizar um relato raso. Dessa forma, nos deteremos sobre três aspectos, com os quais temos mais familiaridade e podemos refletir mais detidamente, o aprendizado da língua portuguesa, o trabalho e o lazer.

## **Do aprendizado da língua portuguesa**

Para que possamos refletir sobre a aquisição do português pelos imigrantes haitianos em Porto Velho, é necessário apresentarmos um breve sumário sobre as línguas faladas no Haiti e sua história, visto que nossa perspectiva leva em conta pensar quem é esse imigrante, de onde vem, por que motivo fala ou escreve de uma forma e não de outra.

O Haiti possui duas línguas oficiais que é o francês e o crioulo haitiano ou *Kreyòl*. Entretanto, nem sempre foi assim, por um longo tempo, apenas o francês figurava como língua oficial do país, somente em 1987 o crioulo foi reconhecido oficialmente. Assim, alguns estudos feitos convergem para a afirmação de que o Haiti é um país diglótico, pois ao lado da língua vernácula (o *Kreyòl*), existe uma outra língua que é aparentada a esta, cujo status social é mais elevado (o francês). Segundo, Rodrigues (2008), que fez sua tese de doutorado sobre a língua e a religião no Haiti, as funções e os domínios do emprego atribuído às duas línguas são requestionados, uma vez que o domínio dos dois idiomas, já não são mais mutuamente exclusivos.

Dessa forma, há duas ideias a respeito da instituição do crioulo e do francês como línguas oficiais no Haiti, quais sejam: a do senso comum que vê o crioulo como língua sem uma “gramática” estruturada, constituindo-se uma espécie de *patois* e que, por isso, seria “inapto a expressar conceitos abstratos, científicos” (RODRIGUES, 2008, p. 5). Outra tendência é a da valorização do crioulo como ícone da nacionalidade haitiana.

Símbolo da especificidade nacional, o crioulo atinge domínios anteriormente reservados ao francês. É visto – pelo que se pode notar nas declarações feitas por escritores haitianos e nos

depoimentos recolhidos em foros de discussão na internet, por exemplo – como uma expressão da alma haitiana, reconhecido como a língua materna verdadeira, “*motivo de orgulho*”. (RODRIGUES, 2008, p. 5)

Mesmo sendo visto por um grupo de “defensores” da língua como orgulho da “haitianidade”, o crioulo haitiano ainda é considerado uma língua sem escrita, principalmente em relação ao francês. Desse modo, a escrita em crioulo não é considerada como escrita, ao menos oficialmente, pois uma pessoa é considerada analfabeta no Haiti se não souber ler e escrever em francês. Obviamente, há documentos antigos e atuais escritos em crioulo haitiano, entretanto há uma resistência em considerá-los como tal.

Se pensarmos então na relação entre a oralidade e a escrita ou, mais precisamente, na introdução em massa da escrita na sociedade haitiana, devemos indagar quais as transformações sociais e até estruturais que esta passagem tem acarretado e, conseqüentemente, sua repercussão na atual situação de diglossia do país. Tudo indica que, em vez de se caminhar para um bilinguismo social, como teoricamente se pretende, estaria sendo acirrada a “*guerra das línguas*”, na expressão de Louis-Jean Calvet, ao se fomentar a formação de “*diglossias encadeadas*”, distanciando o crioulófono alfabetizado do crioulófono analfabeto, seja do campo, seja da cidade. (RODRIGUES, 2008, p. 7)

É nesse cenário que se expande, nos últimos anos, um movimento de revalorização da língua, fincada na assertiva de que o crioulo não é um *patois*, não é uma língua “menor”, mas um idioma como qualquer outro e que por isso precisa cada vez mais erigir seu valor e *status* linguístico. É preciso, para isso, que esse grupo de defesa dessa língua alie-se às instituições estatais – escolas, universidades, órgãos responsáveis por documentos oficiais, dentre outros – que são diretamente responsáveis pela legitimação linguística. É necessário, também, editar mais dicionários e gramáticas em crioulo haitiano, com o intuito, sobretudo de propagar o idioma como oficial de fato, pois legalmente já é considerado como tal.

Diante do quadro descrito acima, constitui-se um grande desafio para nós pesquisadores e professores entendermos o haitiano no Haiti, com sua história, língua, cultura e costumes, e o haitiano em Porto Velho para que possamos, assim, emprendermos nossas ações de pesquisa e extensão. Vale lembrar que, por se tratar de uma pesquisa etnográfica, é preciso cautela e



muita parcimônia, pois ainda não podemos fazer análises e afirmações precisas. Nossa pesquisa e extensão estão em desenvolvimento, por isso este tópico tem mais um cunho de relato.

Nossa pesquisa sobre a aquisição da língua portuguesa centra-se nos haitianos que frequentam as aulas do curso de português de um projeto de extensão, oferecido pelo Laboratório de Estudos da Oralidade (LEO) da Universidade Federal de Rondônia. Inicialmente as aulas aconteciam nas dependências da Paróquia São João Bosco, que além de ceder o espaço, servia voluntariamente, por meio de várias pastorais e grupos ligados à paróquia, um lanche para os estudantes haitianos. O projeto tinha em média cinquenta alunos, sendo a maioria homens. Com a chegada toda semana de novos imigrantes, percebeu-se a necessidade de um espaço maior. Dessa maneira, com colaboração da Secretaria de Assistência Social do estado e do Serviço Pastoral do Migrante, conseguimos uma parceria com a Escola Estadual 21 de abril, localizada na Rua Rafael Vaz e Silva, no bairro Liberdade, local onde as aulas passaram a acontecer.

Como o número de estudantes aumentou e alguns alunos já possuíam certo domínio do português – trata-se dos que vieram no início de 2011 – a turma foi dividida em duas, uma denominada iniciante (o grupo dos que falavam pouco ou quase nada em português) e a outra intermediária (grupo dos que já dominavam sentenças básicas). Para que essa divisão fosse realizada com mais critério, foi feita uma avaliação escrita e oral com os imigrantes e, partir desse resultado, a mudança foi efetuada. A notícia de que as aulas de língua portuguesa estavam acontecendo em uma escola se espalhou rapidamente e a procura pelo curso cresceu. Com isso, foram abertas mais duas turmas de iniciantes e hoje há em torno de 100 alunos. É bem verdade que esse número varia bastante, pois há uma rotatividade muito grande de haitianos que chegam, frequentam por um tempo as aulas e depois viajam para outros estados, outros encontram emprego e fixam residência em Porto Velho. Assim, já foram atendidos no referido projeto cerca de 600 pessoas.

O material didático utilizado foi elaborado pelos alunos da universidade, vinculados ao projeto e pelos coordenadores. A decisão de adotar um material próprio não foi arbitrária e sim pela ausência no mercado editorial de material didático adequado ao público com o qual estamos trabalhando.

Do ponto de vista da escolaridade, o grupo que frequenta as aulas é muito heterogêneo. Há os que concluíram o ensino superior e os que apenas cursaram as primeiras séries do ensino fundamental. A média de escolaridade, por conseguinte, é o ensino fundamental completo, sendo que 10% ingressaram em uma universidade e não concluíram e aproximadamente 35% começaram, mas não terminaram o ensino médio. Desse universo, somente dois imigrantes possuem o ensino superior completo.

Não obstante a esse perfil de estudantes mostrado acima, excetuando-se casos muito pontuais, não há grandes dificuldades no aprendizado do português pelos haitianos. Na verdade, esses imigrantes assimilam rápido, a língua portuguesa. Nesse sentido, certo dia em uma sala da turma de iniciantes, fomos dar um recado e, mesmo já falando um pouco do crioulo, pedimos a um haitiano da turma de nível avançado, que traduzisse a mensagem, já que estávamos falando em português. No momento em começamos a falar e o haitiano proferiu as primeiras palavras em crioulo os haitianos protestaram, declarando que não havia necessidade de tradução, pois eles já conseguiam entender português, se falássemos devagar. Foi muito significativo esse fato, porque passamos a acompanhar mais essa turma e vimos que em pouco mais de um mês de aula os que não conseguiam dizer quase nada em português e pouco compreendiam, estavam se comunicando, ao menos minimamente em nossa língua.

Obviamente, existem vários fatores que contribuem para esse rápido aprendizado, que não será objeto de nossa discussão neste texto, que, todavia, merecem uma menção, principalmente por se tratar de um grupo bilíngue e pelas questões de política linguística empreendidas no Haiti, conforme descrito no início deste tópico. O francês para os haitianos seria uma L2, haja vista que a grande maioria tem o crioulo como L1, isto é, como língua materna, sendo esta a língua de casa, da rua, dos meios culturais. Esse fato é ratificado cada vez mais em nossa empreitada etnográfica; é o que vemos e ouvimos nas conversas corriqueiras com os haitianos, tanto no ambiente da escola (no curso de português), como em nossos encontros nas reuniões da associação fundada por eles em Porto Velho, já que em todos em esses momentos os diálogos são sempre em crioulo e não em francês. Isso não significa que não saibam a língua francesa, pelo contrário aprendem-na nas escolas, é a língua

da burocracia no Haiti, é “a língua chique”, de quem estudou. Além disso, muitos falam espanhol, pela proximidade com a República Dominicana e, sobretudo, por terem trabalhado e morado nesse país. Assim sendo, o português para os imigrantes haitianos, seria uma L3 ou L4 ou o que muitos linguistas denominam língua adicional, terminologia que nos parece mais cabível, nesse caso. Isso tudo, constitui-se, no nosso ponto de vista, um dos fatores que tornam o aprendizado do português mais rápido, afinal tanto o francês como o espanhol (e o crioulo tem influência dessas duas línguas) são línguas neolatinas.

## **Do trabalho**

Sabemos que, desde o advento da idade moderna, o trabalho passou, gradativamente, por uma mudança de concepção e deixou de significar algo ruim (o *tripallium*) e foi investido de um novo significado, como algo bom, gerador de riqueza, dignificador do ser humano, a ponto de na contemporaneidade, quem não trabalha ser visto como desocupado, vadio, vagabundo. A partir das revoluções burguesas – Industrial e Francesa – o capitalismo se estruturou gradativamente e as relações sociais foram significativamente alteradas nos campos político, jurídico, econômico e cultural. As categorias trabalhador escravo ou servil foram alteradas para trabalhador livre, porém quem não tinha mercadorias manufaturadas para vender viu-se na condição de vender a própria pele para sobreviver.

A força de trabalho se tornou uma mercadoria como as demais no mercado de trocas e, para a maioria, a única maneira de sobreviver, enquanto para outros uma expectativa de mobilidade social por meio do trabalho. Nesse sentido, os haitianos que emigraram para o Brasil e se instalaram em Porto Velho encontram-se inseridos nessa lógica. Ao longo desses dois anos, o discurso preponderante desses imigrantes é o de que o motivo da emigração para o Brasil é a expectativa de trabalho para “uma vida melhor e ajudar a família que ficou no Haiti”.

Conforme já relatado, os haitianos aguardam um tempo significativo na cidade de Brasileia, por isso decidimos, no mês de janeiro de 2012, fazer uma visita ao local, com finalidade de estendermos a etnografia até a fronteira, a

porta de entrada, ou seja, o momento da chegada dos imigrantes. Nesse local, tivemos a oportunidade de conversar com muitos haitianos, com certa dificuldade, pois ainda sem entender praticamente nada do crioulo haitiano e do francês e com um inglês canhestro, o que nos salvou foi o espanhol. Nessas conversas, falamos sobre os mais variados temas, desde a troca de informações históricas sobre o Haiti e o Brasil, das peripécias da longa viagem dos haitianos às expectativas de trabalho e a economia brasileira. O terremoto de um ano antes era assunto praticamente intocável<sup>4</sup>. As expectativas com o Brasil variavam e iam desde a decepção pela humilhação na fronteira e o valor do salário mínimo ao otimismo de poder estudar, conhecer e viver em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, trabalhar em hotéis e ter a oportunidade de estar no Brasil quando da realização de uma Copa do Mundo de Futebol. Nenhum estava a turismo, todos tinham o mesmo objetivo, trabalhar no Brasil.

Em certo momento, começávamos a entabular uma conversa com um grupo de cinco rapazes, quando um inviabilizou a possibilidade de diálogo e falou ininterruptamente e com desenvoltura por cerca de dez minutos em espanhol. Com seus olhos negros, cerca de 1,60m, cabelos trançados, vários adereços como colar, pulseiras, brinco, anéis. Identificou-se como professor de educação básica, cantor e dançarino e disse que seu destino era São Paulo ou Rio de Janeiro e seu objetivo era trabalhar em um hotel para turistas, pois suas habilidades para se comunicar eram um trunfo, além de falar o crioulo, o francês e o espanhol muito bem, no seu discurso. Em tom altivo (etnocêntrico?) disse que os haitianos são honestos, trabalhadores e de bom coração. A justificativa veio logo em seguida ao nos informar o motivo, *porque los haitianos te gustan trabajar, non se roba*. Disse ter estado e trabalhado na Venezuela, como ajudante de pedreiro e pintor de paredes no Peru e assim conseguiu o dinheiro para pagar a hospedagem e o final do trajeto até o Brasil.

Ainda em Brasileia acompanhamos a trajetória de um representante do governo local com empresários, via telefone para “envio” de haitianos para empresas no Sul do Brasil e Sudeste, fato que, feitas as devidas ressalvas, nos parecia um mercado em que a mercadoria em jogo eram as pessoas, os haitianos. Falamos em “ressalvas” no sentido da relativização, pois num lugar

---

<sup>4</sup> Grosso modo, o assunto terremoto tem sido respondido da seguinte forma “o terremoto causou muita coisa ruim, sofrimento. Vamos falar de outras coisas, de coisas boas”.

com aproximadamente mil e duzentos haitianos retidos numa pequena cidade e em condições abjetas, uma única pessoa sendo o contato direto com esse grupo é, em termos, compreensível que falácias sejam cometidas, além do fato da não preparação técnica para tal assunto. Enquanto estivemos na cidade, esse representante do governo nos atendeu, acompanhou-nos e nos apresentou aos haitianos. Nossas conversas eram frequentemente interrompidas pelo toque do seu telefone celular, ora para atender jornalistas de diferentes partes do país, ora para dar explicações a empresários que buscavam informações sobre o perfil profissional dos haitianos, para envio de dinheiro para custeio do traslado para outros estados, para a seleção de outros para determinados ramos de trabalho, como construção civil, fazendas ou frigoríficos. Nesse contexto, vimos dois empresários de Porto Velho que estavam na cidade à procura de alguns profissionais para o ramo de climatização e também conhecemos uma empresária de Santa Catarina que lá estava para contratação na área da construção civil.

Essa empresária destoava em meio às demais pessoas do lugar, uma mulher branca, loira, olhos azuis e de aproximadamente 1,75m. A conhecemos e a acompanhamos em parte de sua saga pela praça Hugo Poli, na tentativa de contratar haitianos para trabalharem na empresa sua e de seu marido em Navegantes, Santa Catarina, na região sul do Brasil. A empresária alegou-nos que estava encontrando dificuldades pelo representante do governo acreano para a contratação dos haitianos, algo que ela não entendia e que nos chamou atenção. Ela nos pediu ajuda e ficamos receosos, pois não era essa a nossa tarefa no local, mesmo assim a acompanhamos e vivenciamos de perto a sua empreitada. Inicialmente ela se reúne em uma praça para conversar com um grupo. Em seguida, segue até uma quadra de esportes, ao lado, acompanhada por um grupo de aproximadamente dez haitianos, com um tradutor do grupo, por nós e pelo representante do governo, enquanto do lado de fora da quadra outros cerca de dez homens haitianos aguardavam, uns sentados, outros de pé com os braços estendidos para cima segurando na tela que circunda a quadra, para saber do resultado da conversa. Em boa parte daquele dia, um agente da Polícia Federal esteve à distância observando a movimentação na praça.

Ao término da reunião o acordo foi fechado, inicialmente com quinze pessoas, porém, devido à insistência de um casal, ambos foram contratados.

No total foram embarcados para Santa Catarina dezessete haitianos, os quais acompanhamos e registramos passo a passo os trâmites até o momento de embarque na rodoviária local, com viagem prevista para três dias. As passagens foram custeadas pela empresária, assim como um valor de R\$ 100,00 para cada um dos haitianos para alimentação durante a viagem<sup>5</sup>. Ao final do dia, reunimo-nos para jantar e a empresária considerava que sua missão estava cumprida, cabia a partir dali, dar prosseguimento na relação de trabalho e humana com pessoas que ela nada sabia a respeito. Não tivemos notícias sobre como se deu posteriormente àquele momento.

Os que não eram contratados em Brasileia, seguiam para Porto Velho. Ao chegarem ficavam abrigados em uma “Casa de Apoio” mantida por uma organização não governamental local, que tem por objetivo oferecer acolhida para moradores do próprio estado que vêm do interior para a capital em busca de tratamento de saúde. A presença dos haitianos mudou substancialmente a rotina da casa e, conseqüentemente, o público a que se destinava afastou-se por conseqüências adversas, sendo a principal a xenofobia gerada pelo estranhamento. Ao longo de um mês realizamos visitas periódicas, diariamente à casa e observamos em diferentes momentos a visita de empresários na tentativa de contratação dos haitianos para diferentes áreas, como construção civil e serviços rurais, além da intervenção de representantes da Secretaria Estadual de Assistência Social para intermediação com empresários de outros estados brasileiros. Numa das visitas de empresários, um grupo foi recrutado para trabalhar na empresa de limpeza pública para a coleta do lixo urbano, na função de coletores.

Na cidade de Porto Velho, os principais ramos de trabalho em que os haitianos – principalmente os homens – são inseridos são a construção civil, como diaristas ou com contrato de trabalho regulamentado, a gastronomia – pizzarias, churrascarias, bares e lanchonetes –, o comércio, como em supermercados e, para muitas mulheres, serviços domésticos ou lanchonetes. Há uma minoria que é empregada em ramos como metalurgia, mecânica,

---

<sup>5</sup> A notícia da chegada ao destino foi registrada em dois blogs da região, <http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/haitianos-encontram-trabalho-em-sc-e-sonham-ficar-no-brasil,38f9dc840f0da310VgnCLD20000bbccce0aRCRD.html> e também em <http://wp.clicrbs.com.br/itajai/2012/01/18/esperanca-para-17-haitianos-em-navegantes/> Acesso em 12 jul. 2013.

elétrica. Na construção civil as categorias são pedreiros, ajudantes, marceneiros e pintores. A chegada desses imigrantes à cidade coincidiu com um momento de superávit de vagas de trabalho, devido à demanda de trabalhadores locais para os canteiros de obras das duas hidrelétricas que estão em construção no Rio Madeira, Santo Antônio e Jirau.

Apesar de as usinas terem sido corresponsáveis pela chegada dos primeiros haitianos, até o momento poucos conseguiram emprego diretamente em seus canteiros de obra e os primeiros só foram contratados um ano depois da chegada do grupo inicial. Indiretamente podemos relacionar a inserção do grupo no trabalho local devido a esses dois empreendimentos, pois a entrada de capital na economia local proporcionou a geração de mais empregos e a expansão do ramo da construção civil. Econômica e demograficamente a cidade cresceu, entretanto o mesmo não pode ser dito em relação aos benefícios para a população na forma de lazer, investimentos em saneamento básico e urbanização. Em poucas palavras, a cidade de Porto Velho vivencia um de seus piores momentos de administração política.

## **Do lazer**

Consideramos o lazer como o momento em que as pessoas fazem uso do tempo considerado livre de atividades trabalhistas para se encontrarem e trocarem experiências, vivenciarem alegrias, comemorarem um evento, seja no âmbito familiar ou coletivo, como uma festa de aniversário em família ou uma comemoração coletiva como uma partida de futebol.

Os momentos de lazer dos haitianos que priorizamos nessa discussão são aqueles vivenciados em encontros com os amigos em suas casas, quando se reúnem para se visitarem, para conversarem, ou em algumas festas particulares, especialmente aniversários, com uma festividade regada à culinária ou bebidas preparadas com ingredientes semelhantes ao de sua terra natal, como frango frito – à maneira do que se conhece no Brasil como “frango a passarinho” –, especialmente as partes como asa, sobre asa, coxa e sobrecoxa. Complementam a alimentação arroz branco “solto”, feijão, que é amassado e peneirado para ser degustado em forma de caldo e salada “tipo maionese”, cujos ingredientes são batata, beterraba e cenoura. Ainda há a

banana frita em fatias, quando servidas adocicadas, ou amassadas e fritas, salgadas. As bebidas típicas em geral são doces, regadas à base de cachaça, creme de leite, canela, cravo e casca de limão raspada.

Em outras ocasiões, é possível os encontrar, em grande número, ao lado de um campo de futebol amador da cidade, localizado em uma área próxima à região central da cidade. Próximo dessa área, fica a rodoviária da cidade e nesse espaço se tornou cena corriqueira a presença de centenas de haitianos por ali, ora andando pelas ruas, ora sentados ou de pé em uma calçada, ou numa esquina a conversar, frequentemente em grupos. A presença dos haitianos nesse espaço nos leva a pensar na formação de um “pedaço”, na perspectiva de José Guilherme Cantor Magnani (2010), ou seja, uma área delimitada espacialmente e onde os sujeitos transitam sem tensões, encontram os amigos, trocam informações e, ao mesmo tempo, é um lugar de circunspeção para estranhos. Dissemos que pensamos na formação de um “pedaço”, o que ainda não se caracteriza como tal de acordo com a reflexão teórica, devido ser um espaço compartilhado entre os haitianos e brasileiros.

O compartilhamento do “pedaço” não se faz sem conflitos, totalmente e esses conflitos surgem, em geral, nos espaços em que alugam os imóveis, em geral com os proprietários que se irritam com o tom de voz dos haitianos que consideram alto, “parecem que tá brigando”, disse um, certa vez. Às vezes os proprietários se negam a alugar o imóvel e aumentam o valor do aluguel, forçando-os, assim, a saírem do local. A referida área da cidade onde vivem os haitianos é marcada pelo que se conhece localmente como “estâncias”, ou seja, vários quartos – chamados apartamentos – ou quitinetes em um mesmo terreno, locados a preços que variam entre R\$ 300,00 a R\$ 500,00, além da conta de luz e uma contribuição para a conta de água. São divididos por dois, três e até mesmo por cinco pessoas. São verdadeiros cortiços, muitos mal construídos, sem ou pouquíssima ventilação, às vezes com banheiro coletivo, cobertos com telhas de amianto. É possível imaginar o que acontece no interior de um lugar como esse, em uma cidade com a média de temperatura climática por volta dos 30º o ano todo e com cerca de seis a sete meses chuvosos.

Mesmo nesses espaços e com algumas adversidades, os haitianos vivenciam seu lazer à sua maneira, encontram-se, ligam os telefones celulares no modo toca música e ouvem o ritmo *komp*, tradicional no Haiti e mesclam



com algumas faixas de cantores brasileiros do “sertanejo universitário” ou algo do gênero.

Em um evento realizado em maio de 2013 percebemos a importância de momentos de confraternização e diversão para o grupo. Referimos-nos ao dia 18, data da comemoração da Bandeira, um acontecimento de suma importância histórica e que muito revela da haitianidade, ou seja, o que vimos pode ser descrito como sinônimo de orgulho. Em coro, cantaram durante cerca de cinco minutos o Hino Nacional com o braço dobrado e a mão direita junto peito. Era a lembrança dos fundadores da nação, do povo, a memória dos heróis revolucionários, o momento de externar o símbolo máximo de sua origem, a bandeira enquanto símbolo de orgulho e o que os identifica, os une pelo sentimento diversas vezes expresso e externado pela inscrição nesse objeto simbólico *par excellence* na forma da inscrição *l'union fait la force*, ou seja, a união faz a força.

Na festa da Bandeira o serviço de Assistência Social do estado ofertou a alimentação, um lanche composto por pão com salsichas picadas ao molho de tomate e para beber, refrigerantes. Porém, a sensação foi um *maje Ayisien* oferecido pela Associação Haitiana, uma comida haitiana, composta por arroz, feijão e frango frito, ricamente temperados e picante. Faltou para quem queria. Danças tradicionais foram realizadas ao som de *kompas* e encenação teatral sobre contos tradicionais. A oportunidade de vivenciar um momento como esse proporcionou-nos ouvir de um haitiano a seguinte frase, em português: “eu estou muito feliz, eu me sinto no Haiti, na minha terra”.

### **Considerações finais**

A experiência etnográfica até o momento revela-nos que os haitianos de forma geral estão logrando êxito no processo de inserção social, salvo exceções. O aprendizado da língua e a empregabilidade são conquistas perceptíveis para o grupo, com a comunicação, ingresso em escolas técnicas e em cursos universitários. Além disso, outro aspecto que se torna visível é a reunião familiar, processo que temos acompanhado de perto em muitos casos, com a vinda do Haiti de esposas e filhos.

De acordo com vários depoimentos que escutamos, a remuneração não corresponde às expectativas, porém tem sido suficiente para se manter na cidade com as despesas de aluguel, alimentação e vestimenta ainda enviar parte do salário para familiares na terra de origem. Outros, quando aparecem oportunidade com melhor remuneração migram para outras cidades, via de regra amparados pela rede social estabelecida por laços de parentesco que se presta na ajuda com recursos financeiros ou para o estabelecimento no destino.

### **Referências bibliográficas**

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. São Paulo: Unesp/Paralelo, 1998. (p. 17-35). 2ª Edição.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Vozes, Petrópolis: 1981. (p. 143-173).

RODRIGUES, Luiz Carlos Balga. **Francês, crioulo e vodu**: a relação entre língua e religião no Haiti. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

ROSA, Renata de Melo. **Subjetividade e subversão do racismo: um estudo de caso sobre os haitianos na República Dominicana**. In. Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana/Centro Scalabrino de Estudos Migratórios – v. 18, n. 34. Brasília: REMHU, 2006 (p. 99 – 112).

SCARAMAL, Eliesse dos Santos Teixeira. **Haiti**: fenomenologia de uma barbárie. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006.

SILVA, Sidney Antonio da. “Aqui começa o Brasil”. Haitianos na Tríplice Fronteira e Manaus. In. **Migrações na Pan-Amazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais**. Sidney Antonio da Silva (Org.). Manaus: Fapeam, 2012.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. In. NUNES, Edson de Oliveira. A aventura sociológica. Zahar Editores, Rio de Janeiro: s/d. (pp. 36-46).

WHYTE, William Foote. **Sociedade de Esquina = street corner society: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005. Tradução Maria Lúcia de Oliveira.